

DOMINGO, 2 DE OUTUBRO DE 1927

PREÇO 1\$50

VOGGA

: SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER :

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
o, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTORA : LAURA NOGUEIRA
SECRETÁRIO DE REDACÇÃO : CASTELO DE MORAIS

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



ISADORA DUNCAN REGENDO O SEU CURSO DE BELEZA

(Foto Henri Manuel)

UMA HORTA NUM TELHADO DE PARIS



Não só os grandes diários lutam com a falta de espaço. As cidades sofrem do mesmo mal. Parece que o mundo é pequeno para conter a gente que nele existe. A terra cultivável foge dos grandes centros, ou antes, são estes que a conquistam metro a metro.

O parque é hoje um mito, o jardim um sonho e o próprio quintalito já pertence ao número das coisas que se esperam na outra vida.

O homem, porém, não desarma e para ter duas couves frescas faz prodígios.

As nossas gravuras mostram como.

O telhado transformou-se em hortejo e em capoeira. Assim a chicória será uma planta quasi celeste e o pato, o pato marreco rasteiro e pesado conquistará foros de ave do paraíso.

CARTA DE PARIS

Paris, 25 de Setembro de 1927.

Minha querida Chica:

Já lá vão quinze dias desde que te casaste... Quinze dias: Um século para a tua velha tia que, feliz por te ver feliz, vai contudo achar bem longo o tempo passado longe de ti.

Estou ainda a vêr-te, no dia do teu casamento, vestida do teu elegantíssimo «fourreau d'argent», toda envolvida numa nuvem de tule branco. Como estavas linda! E como no meu espírito ha-de durar essa visão.

Prometi escrever-te todas as semanas, para não sentir demasiado longa a tua ausência.

Tu és feliz. És muito feliz com o teu Henrique; muito feliz com a tua vida nova; faze por que seja sempre assim, para que vivam um para o outro agradando-se mutuamente.

São esses os bons desejos da tua velha tia.

Agora conversemos um pouco: As férias de verão estão quasi no fim. Paris retoma pouco a pouco o seu aspecto habitual, porque os privilegiados da sorte ainda não voltaram das caçadas e acabam este fim de estação em qualquer castelo provinciano. Que belo repouso este, depois das curas de águas, tão movimentadas e tão absorventes, nas vilas das termas ou nas praias da moda.

Durante este tempo, de *dolce far niente* para estes, outros — que são os costureiros e as modistas — preparam, com todo o conhecimento da sua arte, toda a beleza que dentro em pouco ha-de encantar os olhos das felizes retardatárias.

E já é tempo, para o começo da estação, pôr de lado os chapéus desbotados e os vestidos leves.

Mando-te alguns modelos novos de chapéus que já podes começar a usar, apesar do seu aspecto de «toilettes» de inverno.

O primeiro, de «Chez Lewis», é uma *toque drapée* sobre uma aba de veludo negro. Uma fivela de fantasia garante o lado da frente.

Da Alphonsine, um lindo modelo de chapéu «cloche» preto, enfeitado a fita de setim negro e dum ramo de ciclâmens feitos de fita e colocados ao lado.

E que dizes tu deste largo feltro negro que eu escolhi na Marguerite & Léonie, e que tão bem garante uma liga de «gros grain», segura por fivela de prata? Não te parece este modelo muito pratico para as nevoentas manhas deste principio de Outono?

Ainda te comprei mais um chapéu, de que não desgostará — estou certa: É um elegante modelo da casa Lewis: Uma «toque» bege, de feltro muito macio, incrustada, na parte da frente, dumas flores, de veludo mais escuro, calcadas sobre o feltro.

E agora, adeus, minha querida: até para a semana! Já demasiado tagarelei. Se eu tinha tantas saudades tuas!

Aceita os mais afectuosos beijos da tua velha tia muito amiga

Nuelma.

AQUI PARA NÓS...

KARINE MICHELLIS disse algures que nós, mulheres, falando de nós mesmas, mentiamos sempre.

Descobriu ainda a autora de «L'âge dangereux» que essa mentira não é combinada, não é um gesto de defesa planeado e ensaiado com o fim unico de envolver em mistério o eu verdadeiro de todas as mulheres.

De facto assim é. Nenhuma voz amiga veio segredar-nos aos quinze anos esse aviso prudente. Mentimos? Eu não sei se as mulheres mentem; creio que não. Cinzelamos apenas a verdade para que o mundo seja menos árido e a vida menos feia...

Mentimos «por bem» como o Senhor Rei Dom João.

E não mentimos para nós; mentimos em proveito da beleza universal.

Sem um espelho nenhuma de nós pode vêr o próprio rosto e contudo temos a preocupação constante de que os nossos lábios sejam bem rubros e bem frescos.

Ai do mundo sem a «mentira da Mulher». Ai do Homem sem o desejo constante de ser enganado.

Esquecia-se, alheava-se, não criava beleza,

não sonhava, por comodidade e por mandrice...

O lar voltaria a ser a caverna. A voz, sem a necessidade do madrigal, tornava-se guincho e, da grande obra do Criador, ficaria apenas num mundo, sem encantos e sem graça, um macaco triste a fumar um cigarro.

É por isso que mentimos... Ou melhor que cinzelamos a verdade.

Eu precisava dizer isto na primeira conversa com as leitoras da «Voga» não fossem elas, uma vez ou outra, alcinhar de mentirosa relapsa a mulher que não viesse contar a todo o mundo, em letra redonda, os segredos íntimos da sua alma.

Eu hei-de sempre falar-vos, leitoras, como mulher que sou, não com aquele manto diáfano da fantasia que veste a Verdade do Eça, mas com aquela neblina bíblica e misteriosa que encobria o Santo dos Santos no templo de Salomão.

Nas entrelinhas do mistério lêde vós, mulheres, para que os homens não entendam, para que o inimigo não ouça...

FRANCISCA D'AYRE.

ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS

Largo do Chiado, 12, 1.º

(LARGO DUAS IGREJAS)

Telefone: C. 1017

Telegrama: ALCALI

FORNECEDORES DOS HOSPITAIS CIVIS E MILITARES

Instalações completas de hospitais

Unicos concessionarios das «AGUAS RADIUM»

Electricidade médica, aparelhos de desinfecção, mobiliário cirúrgico, material para laboratórios, aparelhos de física e química

Pensos, ambulâncias, vacinas para gado, produtos químicos e farmacêuticos, sôros e vacinas

Premiado na Exposição do Rio de Janeiro 1922-Medalha de Ouro, e na Exposição de Cirurgia e Medicina 1926



Três bonecas de Madame Lavariski

UMA CASA



Em Nova York, Mistress Jerkins tentou formar uma liga feminina contra o uso das peles. Dizia Mistress Jerkins, e com certos laivos de razão, que o luxo não devia custar a vida a ninguém... homem ou animal. Já era bastante que custasse dinheiro. Empreendeu a bondosa americana o melhor do seu tempo em pregar contra todos os usos que custassem uma vida. Anatematizou o calf, a pele de lagarto, a camurça. Revoltou-se contra os abrigos de zibeline e de chunga. Ao cabo de vinte e duas conferências, quando pensava ter por si a opinião de quasi todas as damas americanas, anunciou a reunião magna das associadas, para, depois de uma discussão, se elegerem os corpos gerentes do novo club filantrópico... Mistress Jerkins foi a primeira a comparecer no campo enorme e vasto destinado ao comício. Esperou, esperou, esperou e ao fim de hora e meia de espera disse a sua conferência perante trinta ouvintes, sete das quais, vestiam casacos de peles e todas, sem excepção, calçavam sapatos de pelica...

Outro pormenor curioso, a mais nova das ouvintes tinha 66 anos...

A vida do comércio fazia-se dantes ao canto dum escritório, entre papelada, num silêncio de igreja. A vida moderna não se coaduna com o sedentarismo pacato dos nossos avós. A última nota aguda desse «jazz» furioso que é a vida apòs-guerre é a dactilografia nos cafés e restaurantes. O telefone não bastava, o groom ciclista não preenchia. Foi buscar-se a dactilo e, uma vez que os negócios se tratam no café, justo era que a correspondência aí se fizesse.

Nos grandes cafés e restaurantes de Paris todos a podemos ver apressada e atenta escrevendo cartas de comercio que tomam assim a aparência de notícias da última hora.

De vez em quando o «feio» vence, o «horível» domina. As mulheres mais elegantes, mais louras e mais frágeis casam às vezes com pretos; o «bull-dog», em várias épocas, tem suplantado, no capricho da moda, o galgo esguio e o «épagnenil» aristocrático. Agora são moda os macacos de regaço, os «ouistitis» com focinho de velho e uns horrendos cães normandos, côr de água suja, ramelosos e barbados. Estas predilecções das mulheres bonitas serão um cansaço do espelho?

Santo Agostinho afirma, e Santo Agostinho era amante da verdade — que, na cauda roçagante dum vestido de baile se oculta um milhão de diabinhos de má qualidade.

Sem querermos tornar o Santo Bispo advogado das saias curtas, preguntamos, no entanto, para onde teriam fugido esses perigosos inquilinos com o mandado terminante de despejo que a moda lhes intimou. Iriam para as calças largas dos dandys?

Cruzes!

As banhistas italianas queixam-se da irreverência dos fotógrafos nas praias de luxo. As objectivas caçam o «maillot» com uma persistência demasiada, mas — caso curioso — não são, diz uma delas, como era de esperar, meridionais, homens do sul, os portadores dos kodaks, atrevidos.

São ingleses rígidos, holandeses, dinamarqueses e sobretudo os ingênuos escandinavos os mais teimosos autores da proesa indíscrita...

Quem havia de dizer!...

BAILARINAS DESCALÇAS



BAILADOS GREGOS

Alegoria de Gorguet.

No primeiro plano Isadora Duncan

liso dos templos e o mosaico irisado dos triclinios. Correram tempos e a Moda, senhora da Hora e do Capricho, calçou as dançarinas. O tarso das néo-romanas apertou-se na correia da sandália e mas tarde o sapatinho minúsculo de Cenderinette ataviou e comprimiu todos os pés ligeiros que bailaram em tablados. E não estava mal.

A constituição do antigo nos tempos

de hoje tornava, porém, *demodée* essa indumentária das bailarinas. Salomé tinha de bailar descalça. As danças rituais de Eleusis não admitiam prosa da pelica de lustro. Surgiu então a «bailarina descalça». Foi a primeira Isadora Duncan, essa que a foice da morte (vá o lugar comum...) mascarada nas blandícias duma *écharpe* arastou numa última curva impetuosa de bailado para debaixo das rodas dum auto.

Isadora Duncan bailou religiosamente como as sacerdotisas de Nimive.

É sua aquela frase que ficou célebre quando na Grécia quis bailar no Partenon de Atenas em presença de «touristes» e a policia lho impediu: «Eu queria resar pelos heróis antigos e por isso bailei... Eu reso assim.»

Agora, que ela descansa na morte, e que, para nunca dar ao mundo uma ideia de peso, vai ser incinerada, que as primeiras folhas do Outono bailem por sua alma um último bailado, a «Dança de Anitra» ou o «Espectro da Rosa».

C. DE M.

A ORIGEM DA «GILETTE»

AGORA que nós, mulheres, usamos da «Gillette» como qualquer homem, curioso se nos torna indagar da origem de tão prestimoso objecto.

Como sucede com tantas outras coisas, a origem da navalha de fazer a barba (e não é esta a «avó» da nossa Gillette?) já remonta aos tempos prehistóricos. Há motivos para crer que as primeiras navalhas foram feitas de pedras de sílex polidas e afiadas, e assim volvidas cortantes. Ainda hoje os selvagens da Oceania não usam outras navalhas para fazerem a barba.

Nos museus de Saint-Germain, em França, de Zurich, na Suíça, e em muitos outros, encontram-se facas e até navalhas de barbear que datam da idade do bronze e provêm de estações lacustres. No leito do Sena, perto de Corbeil, e em Cession, perto de Saint-Brieuc, acharam-se alguns exemplares muito interessantes. O metal dessas navalhas é tão bem temperado que ainda hoje corta.

Já os egípcios conheciam a navalha de barbear. Moisés proferiu a sua interdição entre os judeus como instrumento de barbaer (*nec radetis barbam*).

Os nobres gauleses, — segundo Diodoro da Sicília, — rapavam as faces e deixavam crescer o bigode.

O século xxx há de inventar a máquina de fazer crescer o cabelo...

NÃO ENVELHECER

SE bem que esta vida seja, no dizer de toda a gente, «um vale de lágrimas», ninguém — ou quasi ninguém — há que lhe queira dizer adeus. E, com o prolongamento da vida, todos desejam e ambicionam o prolongamento da juventude. E é natural: Mocidade é em geral sinónimo de Beleza e de Saude — as duas maiores fontes de Alegria.

Ora sucede agora um sábio médico dinamarquês ter descoberto o segredo do prolongamento da vida humana. Afirma ele poder fazê-la durar muito além dos limites ordinários. Este doutor, porém, até à hora em que escrevemos, não divulgou em que consiste o seu tão precioso segredo. Receia a concorrência...

A par d'ele, outro médico, este suíço, inventou certo elixir milagroso, com o uso do qual — diz ele — se consegue viver para além dos cento e cinquenta anos...

Enquanto os nossos dois egrégios sábios se não resolvem a comunicar-nos mais pormenorizadamente as suas descobertas, escutemos nós a opinião de alguns homens que atingiram a bela idade dos cem anos, — e isto sem o auxílio de elixir algum. Eles nos revelaram qual é, no seu parecer, o *filtro mágico* em que foram buscar o segredo da longevidade.

Esse filtro maravilhoso chama-se... o bom humor.

Certo camponês dos arredores de Sarlat, — o qual viveu cento e vinte anos, dizia, à hora da sua morte:

— Não me lembro de jámais haver-me encolerizado em vida minha.

E António Rauchin, o centenário de Montpellier, afirma:

— Devo a minha longa existência à igualdade do meu humor, à placidez de alma que sempre tenho sabido conservar.

A bondade, — disse Leibnitz, — é um elemento de longevidade.

Caros leitores, se acaso aspirais a atingir a bela idade dos cem anos, já o ficais sabendo: Bondade e bom humor: eis o elixir de longa vida!

Contava o velho marechal Schomberg que, ao tempo da sua mocidade, aprazia-lhe conversar com os homens de avançada idade, a fim de adquirir a experiência que lhe minguava; ao passo que, já na velhice, procurava a sociedade da gente moça, com o fim de não deixar perder a vivacidade do seu espírito.

Amar a juventude não é ser-se ainda jovem?

A alegria, o riso, a boa disposição — aqui tendes os três melhores elementos para se conseguir a saude e, por meio desta, uma vida longa.

— Suas filhas não gostam de ler?

— Quere que tomem gosto pela boa leitura?

— Dê-lhes o

MAGAZINE
BERTRAND

ARTE DE VERÃO
EM DEAUVILLE

O pintor japonês Fugita, com um lapis enorme, tira um croquis da graciosa estrêla do cinema Susy Dorian

Concluido o desenho, a assistência apreciando o trabalho do artista



AS NOSSAS EMENTAS

ALMOÇO

Sardinhas recheadas
Salada de pimentos assados
Ovos mexidos

JANTAR

Sopa de rabo de boi
Pescada frita
Espargado de rama de nabos
Peito de vitela à francesa
Arroz doce

ALMOÇO

SARDINHAS - RECHEADAS

Escolhem-se sardinhas frescas, das grandes, escamam-se, cortam-se-lhes as cabeças e os rabos.

Em seguida, com uma faca de ponta bem afiada; dá-se-lhes um golpe ao longo do dorso, golpe pelo qual se lhes tira a espinha e as tripas.

Lavam-se com cuidado, polvilham-se com sal, deixam-se estar por algum tempo e depois recheiam-se com um picado de carne, doutras sardinhas ou de batata. — Estes picados são temperados como para qualquer outro recheio.

Se fôr necessário, unem-se os labios do golpe com pontas de palitos, envolvem-se as sardinhas em ovo batido e farinha e levam-se ao lume a frigar em azeite a ferver.

Depois de fritas, servem-se com rodela de limão e salsa frita.

SALADA DE PIMENTOS ASSADOS

Assam-se sobre brazas pimentões doces, tira-se-lhes a pele e as sementes e partem-se em tiras, que se deitam numa saladeira.

Assam-se do mesmo modo tomates, põem-se num passador e espremem-se sobre os pimentos.

Tempera-se depois esta mistura, com azeite, vinagre, sal, pimenta, chalotas cruas e salsa picada.

OVOS MEXIDOS

Deita-se a manteiga e os ovos dentro de um prato, bate-se tudo muito bem e deita-se dentro da frigideira, com umas pedras de sal e vai-se mexendo sempre em cima do lume, tira-se do lume, estando os ovos ainda meio crus, e, mexendo-os sempre, levam-se para a mesa.

JANTAR

SOPA DE RABO DE BOI

Tomam-se dois rabos de boi, duas talhadas de presunto, 30 gramas de manteiga, duas cenouras, dois nabos, tres cebolas, um alho silvestre, uma cabeça de aipo, uma capêla de cheiros, uma folha de louro, doze grãos de pimenta inteiros, quatro grãos de cravinho, uma colher de mel, meio copo de vinho do Porto e 6 decilitros de agua. Cortam-se os rabos, separando-os pelas articulações, lavam-se e põem-se numa caçarola com a manteiga, cortam-se os vegetais em talhadas e com os condimentos põem-se em 2 decilitros de agua e mexem-se sobre um fogo brando até que se cozerem.

Depois, enche-se a caçarola de agua, e, quando esta ferver, deita-se-lhe o sal. Escuma-se bem e deixa-se ferver brandamente durante quatro horas até que os rabos estejam tenros. Tiram-se os rabos, escuma-se e cõa-se a sopa, aromatiza-se com vinho do Porto, engrossando-se com farinha, põem-se os rabos a ferver cinco minutos e serve-se. A quantidade chega para dez pessoas. E' também muito boa mesmo sem ser engrossada com farinha.

PESCADA FRITA

Amanha-se a pescada á maneira ordinaria, separa-se-lhe a cabeça, que se guarda para cozer, e fazer sopa. Depois corta-se em postas, que se põem a frigar em azeite bem quente, envoltas simplesmente em farinha ou em massa de frigar.

As pescadinhas muito pequenas fregem-se geralmente com a cabeça, metendo-lhes a cauda na boca a formar argola.

ESPARREGADO DE RAMA DE NABOS

Escolhem-se as ramas dos nabos, para lhes tirar as folhas menos viçosas, lavam-se bem, põem-se a cozer em agua salgada fervente, numa panela com bastante agua. A panela deve estar destapada, como em geral, para a cozedura de vegetais verdes para a conservação da cor.

Como as ramas de nabos são menos tenras do que as nabijas, é conveniente adicionar á agua fervente uma pitada de bicarbonato de sodio, que parece contribuir também para avivar a cor verde.

Depois de bem cozidas as ramas dos nabos, procede-se com elas como ficou indicado na preparação do esparregado de nabijas.

Como ornamentação do prato, podem asso-

: DO LAR :

A NOSSA gravura representa um «arranjo» artístico da Casa Maple, arranjo que não é difícil realizar em Portugal.

O estilo D. João V, tão vulgar entre nós é um filho, um pouco mais gordo, do velho estilo inglês das abadias e dos castelos e,

sica mas, graças à electricidade não levam como então um tempo infinito a acender, uma volta do comutador e pronto!

Aos sofás de pele, tão cómodos, deram forma que vai bem com os delgados armários «Queen Huna». Aos cadeirais rígidos da Renascença souberam dar conforto e os in-



êles, os ingleses, que, no capítulo construção de móveis fazem milagres, como êsse de ter tornado elegantes os mosteiros do Império francês, souberam aproveitar o que o passado tem de lindo para o adaptarem á vida de hoje.

Conservaram aos lustres a sua forma clás-

gleses, os comodistas ingleses, não só inventaram a palavra «home» que hoje é de todo o mundo, como também a todo o mundo ensinam como se guarnece uma casa aliando á comodidade moderna a beleza saudosa dos tempos idos, que só por si não bastaria ás exigências actuais.

RESPIGANDO...

DE COMO SE PODE TER UM IRMÃO DEFUNTO HÁ 150 ANOS

Se bem que tal, á primeira vista, pareça impossível, pode-se em verdade ter tido um irmão falecido há cento e cinquenta anos!

Este caso extraordinário deu-se há pouco tempo perante um tribunal americano. Os juizes cuidaram que se estava trocando com êles, mas a veracidade do acontecimento foi comprovada:

Uma das testemunhas afirmava ter seu irmão falecido havia cento e cinquenta anos! Eis como tal succedeu:

O pai da testemunha casára aos dezanove anos, e fôra logo pai dum filho que morrera

ciar-se aos palitos de pão frito, rodela de ovos cozidos.

PEITO DE VITELA À FRANCESA

Toma-se a maçã do peito da vitela, corta-se aos bocados e cõa-se em manteiga.

Numa caçarola deitam-se cebolinhas das mais pequenas, inteiras, uma chalota inteira, uma ponta de folha de loureiro, uma capela de salsa, tomilho, pimenta, sal, um pouco de caldo e uma pimentinha de Cayena. Deita-se dentro deste molho a vitela cõrada e deixa-se ferver por um bocão em lume brando. Antes de servir, juntam-se-lhe tirinhas de cenoura salteadas em manteiga.

ARROZ DOCE

Uma chavena de arroz carolino e quatro chavenas de açúcar.

EU NÃO

LIMPAR MARMORES POLIDAS

Lavam-se as superficies com agua e sabão preto, enxugam-se bem e, para fazer brilhar, applica-se-lhes uma mistura obtida pelo seguinte processo:

Derrete-se, em banho-maria 50 gramas de cera branca, tira-se do lume e juntam-se-lhe devagar 50 gramas de essencia de terebentina. E' preciso ter muito cuidado em não deitar a terebentina quando a mistura está ao lume, ou perto deste porque os vapores da terebentina inflamam-se mesmo a distancia. Aplicada a mistura, friccionam-se as superficies com uma flanela para lhes dar lustro.

TIRAR NODOAS DOS DEDOS

Ha nodoas dificeis de tirar e que resistem ao sabonete, ao alcool, á escova, enfim aos processos habituais de lavar as mãos.

Uma nodoa terrivel, feia, é a do suco de batata crua; muitas senhoras deixarão de tocar numa batata descascada com o terror da nodoa e contudo ella é bem facil de tirar. Primeiro, deixar que os dedos estejam bem secos e a nodoa chegue ao maximo. Depois, esfregá-los numa metade de limão que tenha bastante sumo, por fim lavar com sabonete e agua bem quente.

TINTURA DE IODO

Aplicar alcool a 90 graus logo em seguida a ter sujado os dedos com a tintura.

Para nodoa mais antiga esfregar com algodão embebido numa solução de hiposulfito de soda. (Serve muito bem a que se usa para banhos fotograficos).

As nodoas de permanganato de potassio tiram-se pelo mesmo processo sendo, porém, preferivel ao hiposulfito a solução de bisulfito de sodio.

NODOAS DE ALCATRÃO

Esfregar a mancha com a parte externa da casca de uma laranja ou de um limão. Depois sabão e agua quente.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



GARCEZ, L.^{DA}

Rua Garrett, 88 — LISBOA

Só vendem as grandes marcas

ZEISS Ikon

e as celebres películas que dão boas fotografias com todo o tempo e com todos os aparelhos

GEVAERT

Todos os accessorios para fotografias

Trabalhos para amadores

Expedição gratis de revelação, cópias, etc. para todo o país

Aparelhos de T S F

Tia Marta.

ANUNCIANDO



UM NOVO MODELO **DODGE BROTHERS** DE SEIS CILINDROS

A fábrica Dodge apresenta ao público um novo modelo de seis cilindros.

Ha anos já que se esperava, e desejava, que Dodge Brothers viessem a fabricar um modelo assim — mais luxuoso e, naturalmente, mais caro que o seu afamado quatro cilindros.

O publico dizia, e com razão, que um tal modelo não poderia deixar de ter grande procura e aceitação.

O valor rial dos produtos Dodge aliado aos requintes que um fabrico mais caro permitiria — dizia-se — não poderia deixar de resultar num automóvel de verdadeiro mérito.

O Seis Sênior é a realização deste desejo.

É um automóvel de verdadeira distinção. Extraordinariamente silencioso e elegante é fabricado, como todos os automóveis Dodge, para prestar bons serviços por longos anos.

REPRESENTANTES:

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA — PORTO — LOANDA

SALÕES DE ANTANHO

NEM sempre a palavra «salão» significa o conjunto mais ou menos luxuoso de móveis, por toda a mulher elegante sonhado. «Salão» é também o lugar onde conversa a boa sociedade, o ambiente de vida intelectual onde a beleza, o gosto, o

tos mais ainda! Há também os salões onde se dança, aquele em que se joga, os salões onde a gente se diverte, e até os há em que a gente se aborrece!...

A que época remonta a sua origem? Ao século dezasseis, aproximadamente. Até aí a vida de castelo ou de família, concentrada em uma sala única, geralmente, — a qual servia de casa de jantar, de quarto de trabalho e de ponto de reunião para toda a gente, — não consentia as recepções do género de de que estamos tratando.

O primeiro Salão foi a Corte. Aí se davam «rendez-vous» os belos espíritos e as nobres damas; e foi esse modelo: a Corte, que em sua casa cada um procurou, na medida dos seus meios, imitar. A mulher do rei Henrique IV, Margarida de Navarra, quis renovar o costume dos Gregos e Romanos mandando prevalecer o princípio da conversa geral à mesa.

As famosas reuniões efectuadas no seu palacete pela marquesa de Rambouillet tiveram uma poderosíssima influência, no século XVII, sobre os costumes e a língua franceses. Aí, segundo a expressão de V. Cousin, «fazia-se escola de cortesia». As idades precedentes tinham vincado a sociedade francesa com um carácter de força e de rude feição que, por certo, não era desprovido de grandesa, mas ao qual escasseava certo encanto. A graça, o bom tom, o bom gosto, — numa palavra: a influência feminina vieram temperar e adoçar aquele Estado de coisas. A breve trecho, é certo a affectação e a preciosidade intrometeram-se nos salões. Pena foi. Mas que importa! Toda e qualquer reforma arrasta sempre consigo os seus inconvenientes e os seus excessos.

Segundo o costume da época, era lícito o

Em França, não se usava a palavra alcova para tal designação, mas sim *ruelle* — termo que, do século XV ao século XVII, representava a alcova, o quarto de dormir onde certas pessoas de alta categoria recebiam as suas visitas pela manhã, antes de se levantarem ou à noite depois de se terem deitado. Estranho costume! Ele perdurou, até Molière, que dizia ainda:

«Une spirituelle qui ne parlerait rien que cercle et que ruelle».

No século XVIII, pensou-se em apropriar uma sala especial a essas recepções. Os chamados *bureaux d'esprit* dêsse tempo ficaram célebres entre os mais. Quem pudera ter conservado todas as conversações ouvidas em casa de Madame du Deffaud, na de Madame de Lambert, no salão de Madame Geoffroy, e em tantos outros! Que tesouro de confidências, de segredos preciosíssimos, assim teríamos herdado! Quanto melhor nós conheceríamos os bastidores da história, o oráculo dos tempos! Junto d'ele Marivaux, o marquês d'Argenson, o presidente Hénault, Mairan, Sacy, «punham em comum o seu espírito». Como em casa de Filaminta, «misturava-se a bela linhagem com as nobres sciências», respeitando-se, acima de tudo, aquilo a que um dos amigos da casa chamava «as boas



Maureau — Uma cela elegante

uma porta envidraçada abrindo na escuridão dum gabinete», — eis o quadro em o qual Mademoiselle Clairon vem declamar os papéis de Agripina e de Fedra, eis o ambiente a que se acolhia, e dum modo exclusivo, a gente da melhor roda, para o único prazer de dar seu parecer sobre o facto do momento ou o grande homem da actualidade.

Quanto ao salão de Madame Geoffrin, esse foi o Salão da Enciclopédia. O ser-se convidado a entrar nêle era considerado um favor maior que uma honra, quasi uma graça. Os menos tímidos sentiam-se perturbados à ideia sómente de ser admitido àquella cenáculo onde cada homem ou mulher considerado um valor na Literatura ou na Arte ia encontrar o seu lugar marcado.

Um dos mais notáveis salões do século XIX, foi o de Madame de Girardin. Os amigos que nele trocavam — e sobre todos os assuntos — os mais variados pareceres, eram Víctor Hugo, Teófilo Gautier, Balzac, Lamartine, Janin, George Sand, Mademoiselle Mars, Villemain, Eugénio Süe, etc., etc. A dona da casa era também uma escritora de talento e senhora do mais requintado espírito. Algumas frases suas e certas reflexões que ela, espiritualmente, proferia em um sorriso, ficaram inesquecíveis. Foi ela quem disse da Alboni, a célebre cantora cujo talento era admirável, e a plástica de assombrar, tanto as proporções físicas dessa mulher formavam um todo colossal; «Ela — dizia Madame de Girardin — é decerto um elefante que enguliu, por engano, um pobre rouxinol...» Uma vez, tendo-lhe Madame de Mirbel perguntado se acaso ela lhe podia dizer onde ficava a Escola de Medicina: «Perfeitamente, — exclamou — fica no caminho d'este Mundo para o Outro.»

As condições da vida moderna modificaram os nossos actuais salões, sem contudo inteiramente os suprimir. Já a sua influencia em coisa alguma se compara com a dos de outrora. Hoje, quem tem influencia é o jornal, as reuniões do Parlamento, o café... E nós não possuímos em grau menor as qualidades, de coração e de espírito, necessárias para manter em uma feliz harmonia, e junto a nós prendê-la, uma «élite» rigorosamente escolhida; é a cortês intimidade de outrora que se perdeu, apagou-se... Doravante o mundo agita-se e corre vertiginosamente pelas estradas. Os desportos, a politica, as viagens passaram a ser as nossas grandes preocupações.

SYBILA.

Ler no próximo número a secção
PARA SER BELA



Madame de Girardin

espírito se desenvolvem. O Salão, é o meio onde a mulher inteligente sabe agrupar a seu redor os letrados, os artistas, numa palavra a «élite» masculina e feminina, com o fim de tornar esse meio um verdadeiro centro de requintada e amável conversação. E dizemos «a mulher», porque, depois do Lar, é no Salão que a influencia da mulher melhor se afirma. É aí, que ela dá aos costumes e às ideias duma época a sua feição particular. O club, a Academia, o próprio café, esses meios só por homens frequentados, ressentem-se da ausência da Mulher, não tem os delicados requintes, a subtil delicadeza que a presença duma mulher e o desejo de lhe agradar comunicam sempre a uma assembleia.

É claro que os salões de que estamos agora falando não são essas reuniões povoadas de frívolas conversas em que a vã bisbilhotice e a má língua se associam em um palaviado inútil; — não! o verdadeiro salão é aquele formoso lugar onde a conversa, alegre e sempre viva, mas leve, roça por todos os assuntos sem melindrar opinião alguma; é onde se sabe discutir sem intransigência, sem levantar a voz em ásperos sons nem gestos irritados; é onde os ditos espirituosos, a ironia leve, que um sorriso cheio de cortesias sub-entendidos acompanha, são mais apreciados do que as mais palavrosas dissertações e os mais enfatuados discursos.

Um dia, em casa de Madame Geoffrin, cujo Salão foi célebre no século XVIII, um dos convidados, o conde de Coigny, armado de uma faca pequena, travara um verdadeiro combate de esgrima contra as articulações duma teimosa galinha, ao passo que se ia perdendo em os pormenores duma interminável narrativa. Tanto a história como a operação ameaçavam não mais dever terminar. «Conde», — observou então, sorrindo, Madame Geoffrin, — nesta casa gosta-se das facas compridas e das histórias curtas». Juicioso conselho expresso sob uma forma espirituosa.

Frequentemente, como sucede na anedota acima citada, a sala de jantar era o primeiro auxiliar do Salão. Não há nada, para estimular o espírito e a conversa, como uma mesa bem servida. «A ceia é um dos quatro fins do homem, — dizia Madame du Deffaud; — já me não recorda quais são os outros três...»

O Salão — manifestação duma alta cultura intelectual, differença, sem dúvida alguma, os povos de adiantada civilização dos povos ainda grosseiros e bárbaros. Há os salões literários, os salões académicos, os salões artísticos, os salões políticos; quan-



Henrique IV e Margerida de Valois

trono improvisado, ao redor do qual se reuniam os convidados.

Dolentemente reclinando-se nesse leito de parada, a Marquesa escutava os letrados em seus discursos, os artistas em suas controversias e pintoresco criticar; os eclesiásticos orando. E, com uma resposta inteligente, um dito de espírito, ela provocava a emulação de toda essa sociedade de «élite». Sabese que os vastos interiores dos palácios do século XVII eram mais belos de ver-se do que confortáveis de habitar. Quando o rigor da temperatura se fazia por demais sentir, Madame de Rambouillet abrigava os joelhos em um saco feito de pele de urso.

Foi por esse tempo que a palavra «alcova» se tornou sinónimo de salão. Aquilo que mais acima nós dissemos explica-lhe naturalmente o significado.

fronteiras do *collet monté* e as do preciosismo.

No quarto de Madame du Deffaud, — do qual nos deram uma pitoresca descrição os Goncourt, inspirados por uma gravura antiga de Cochin, — nesse quarto recebia-se (já dissemos que, por essa época, o «salão» era o mais próprio quarto de dormir) os mais notáveis homens e as damas as mais nobres. «Um recanto de lareira junto ao qual vasta poltrona se reclinava, singela nos seus pés de madeira, braços rústicos, e suas largas almofadas bem fôfas; encostada à chaminé, uma criada; mais aquém, uma leve prateleira — biblioteca por três táboas constituída e recheada de livros; no ângulo da sala uma cantoneira em que meia dúzia de porcelanas se ostentam; ao fundo, cavada no liso madeiramento da parede,



Chapéu «cloche» preto, ornamentado a fita de setim negra, e dum ramo de ciclômens feitos de fita e colocados sobre o lado. Modelo da Casa Alphonsine

(Foto Henri Manuel)



Casaco de veludo negro, guarnecido a pele branca. Modelo da Casa Benard

(Foto Studio Manuel Frères)



O último braccette a moda usado por M. de Pailton, artista cinematográfica

(Foto Studio Manuel Frères)



Chapéu modelo da casa Blanche et Simone

(Foto Henri Manuel)



Combinação em crêpe Georgette amarelo-palha, guarnecida a renda do mesmo tom. Modelo da casa Drecoll

(Foto Studio Manuel Frères)



Chapéu da casa Lewis

(Foto Henri Manuel)



Vestido de estilo em tafetá azul marinho, guarnecido de galão entrançado branco. Modelo da casa Sanvin

(Foto Studio Manuel Frères)



«Deshabillé» de crêpe georgette «mauve», guarnecida de renda oca. Modelo da Casa Drecoll

(Foto Studio Manuel Frères)



Chapéu modelo da Casa Lewis

(Foto Henri Manuel)

Sapatos. Modelo da Casa Pinet

(Foto Henri Manuel)



Casaco de pele de «veau mort-ne», usado pela celebre actriz Mistinguett. Modelo da Casa Lauvin

(Foto Studio Manuel Frères)



As grandes casas lançam as primeiras criações de abrigos e os primeiros chapéus. Lewis, Marguerite, Alphonsine, Cora Marson já nos dão pelos seus primeiros modelos, uma ideia da «maneira» predominante na estação presente.

Em Paris, nos grandes meios elegantes, segreda-se, conspira-se, frases soltas anunciam uma verdadeira revolução na estética da toilette feminina. Será verdade? Serão apenas blagues de alvitreiros essas confidências incompletas e veladas sobre uma nova maneira de compreender e realizar a difícil arte de vestir?

Um pouco de paciência, pois, e o grande mistério será desvendado para, como todos os mistérios conhecidos, se tornar o mais natural dos actos.

MARIA LUCIA.



Os Nossos Bordados

UMA FRONHA PARA ALMOFADÃO,
BORDADA A RICHELIEU

Simple, resume-se este desenho em uma leve grinalda cercando corações donde nascem rosas. É um símbolo de Amor e de Beleza: qual mais digno será dum artístico enxoval de noiva?

Bordam-se as rosas e a grinalda a ponto de Richelieu. Apenas as pequenas folhas em feição de amendoeira serão feitas a bordado da Ilha.

Como vêdes, é leve, gracil e formoso. Depois de pronto o bordado, um transparente de seda em tom desmaiado realça o trabalho e completa-o. As cores actualmente usadas para transparentes são: o oiro velho (esse volta sempre porque é sempre lindo); o mauve; a cor de morango; o azul «gen-

M INHAS queridas leitoras: cada uma de vós, estou certa disso, possui lindas mãos habilidosas, perfeitas «mãos de fada», com o precioso condão de fazer, com uma simples agulha, uma linha, um dedal e um pedaço de tecido, formosas coisas de arte, destinadas a guarnecer a vossa roupa, de corpo ou da casa, ou então ao maior embelezamento do vosso lar.

Pois essas «mãos de fada» terão aqui a sua página, uma página dedicada, toda ela, aos bordados especialmente, às rendas de vez em quando. Aqui, *Voga* publicará — desejosa de satisfazer as aspirações das suas assinantes bordadoras, — o que de mais moderno se faz no género Bordados, o que de mais requintado a Moda exige das nossas mãos femininas tão amadoras de quantas formosas coisas se pode realizar por meio da arte de Bordar.

PARA RICHELIEU

Os dois monogramas que encimam a página devem ser bordados a Richelieu.

darme». Estes tons, bem escolhidos, acrescentam mais uma feição de bom gosto ao todo já de si tão fino e tão leve.

DOIS CANTOS DE LENÇO

A HERA E AS ROSAS BRÁVAS

(Desenho em tamanho natural)

A Hera... não constitui ela o símbolo da Amizade? Vêde: umas folhas, um cacho de bagas, tudo isso estilizado, singela e elegantemente. O Richelieu, o bordado da Ilha ou inglês são os pontos a usar. As bagas a ponto da Ilha, o resto a Richelieu, menos os veios das folhas, que serão feitos a ponto de cordão fininho.

Quanto às rosas bravas, os pontos são os tresmos. Apenas há que engrossar o ponto de Richelieu nos bordados das pétalas onde o desenho indica duas linhas.

Não são, esses, dois perfeitos lencinhos de Mulher? Para continuação do recorte ao redor de todo o lenço, basta decalcar formando um ângulo quando se chegar a esse;



os outros dois ângulos, como são iguais, decalcam-se. O canto bordado a motivo é só um, está claro.

NAPPERON EM RICHELIEU

(Desenho em ponto natural)

Eis metade dum bonito *napperon* que facilmente executareis a bordado Richelieu. Nada mais simples do que, com papel vegetal, decalcar e passar a outra metade. Formareis assim o desenho completo que depois, com o auxílio do papel químico, rapidamente se passa para o linho sobre que se deseja bordar.

Muitos à *jour*: assim o quer o bordado moderno. E ainda bem! pois não é tanto mai sbelo o efeito produzido? O «aberto» dá leveza, dá graciosidade, torna rico o desenho. Depois de pronto, vereis que interessante fica o vosso *napperon*.

E agora, para terminar:

REINE CLOTILDE.



O HOMEM QUE ASSASSINOU

CLAUDE FARRÈRE

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

I

13 de Agosto de 19...

ONTEM, sexta-feira, nono dia da minha era nova, turca, fui apresentado, depois do Selambick, a Sua Majestade Imperial. Nada houve digno de menção nesta cerimónia. No decurso da minha carreira, infelizmente mais de diplomata que de soldado, diversas Majestades me tem recebido, com idênticos sorrisos, em gabinetes idênticamente mobilados. O imperador dos Otomanos não difere muito de qualquer dos seus confrades. Parece, no entanto, mais inteligente e menos vulgar que a maior parte deles. Quanto ao mais, cerimonial análogo e conversação protocolar consoante o imutável rito internacional. Poderia, sem esforço, julgar-me em Roma ou em Petersburgo.

Pelo contrário, antes da apresentação, deu-se um curioso incidente: estávamos, o embaixador e eu, em companhia de uma dúzia de personagens do corpo diplomático, no salão de espera; debaixo das janelas formavam os regimentos da guarda para a soberba parada que precede a prece do Sultão na sua mesquita.

Foi então que entrou um turco, um belíssimo turco da grande raça circassiana, deslumbrante no seu uniforme de largos bordados. Dirigiu-se ao embaixador, num passo rude de soldado, e depois de um apêto de mãos:

— Vossa Excelência quer dar-me a honra?... — disse, indicando-me.

Fui logo apresentado, copiosamente:

— O meu novo coronel, marquês Renaud de Sévigné Montmoron.

(Narciso Boucher, embaixador da República, nunca perde ensejo de fazer soar as partículas e os títulos, que muito sente não possuir).

Esta reflexão fi-la depois. Naquele momento eu só pensava no Turco, que me assistava em cheio o olhar das suas pupilas azul-escuras, recto como uma espada.

— Não me reconhece, senhor coronel? Mehmed paxá!

«Mehmed paxá», aqui, é pouco mais ou menos tão claro e preciso como em França «conde João» ou «marquês Pedro». O embaixador, deferente, completou:

— Sua Excelência o marechal Mehmed Djaleddin paxá, chefe do gabinete político de Sua Majestade...

— Chefe do gabinete político, aliás príncipe dos espíões do Palácio? Não, aquilo não despertava qualquer reminiscência na minha cabeça. O Turco sorria:

— Lembre-se... do hiato do duque d'Épernon, a *Folha de Rosa*!

Ah! imediatamente me lembrei!... mas neste salão imperial o encontro era imprevisível. Uma história de há doze anos: — a minha primeira viagem a Constantinopla, a bordo da *Folha de Rosa*, desde muito demolida. Tínhamos passado oito dias diante de Stambul. E na véspera da partida, d'Épernon, com grande mistério, introduzira a bordo uma espécie de mendigo maravilhosamente disfarçado. Era Mehmed bey, que acabava de cair no desagrado de Sua Majestade, e que julgava prudente ausentar-se da Turquia. — Mehmed bey que eu venho encontrar agora cumulado de régias graças, paxá, marechal e gram-mestre da polícia secreta! Cômico.

Realmente, é pouco mudou, e não tardei a reconhecê-lo. Nem por aí andam muitos soldados da sua espécie, altos como lanças, fortes e ágeis como tigres, a dardejar-nos sempre nas pupilas uns diabos de olhos scintilantes. A par disso, a fronte tcherquense,

larga e lombeada como uma couraça, e uma brenha altiva de cabelos anelados, que mal começam a grisalhar. Não tem cinquenta anos, este marechal. E não é sómente homem de corte. Em 1877, servia nos hussardes, e em Pleuna, viu morrer quatro cavalos debaixo de si. D'Épernon contara-me isso... E agora é chefe de espíões. Curiosa terra!

Estávamos no vão duma janela. Mehmed paxá apoiou o braço familiarmente nos meus ombros, e inclinou-me para fora. Desfilavam pela avenida os zuavos árabes, vermelhos e verdes:

— Ora confesse! Isto de vir encontrar-me chefe do gabinete político, desagradava-lhe... Sim, desagradava-lhe! e é natural... Os franceses detestam os espíões. Contudo, o senhor mesmo, hein? adido militar?... espíão disfarçado, não diga que não. Mas escute, senhor coronel: os soldados podem ser espíões, tanto em França como na Turquia, e continuar a ser homens dignos, por causa do uniforme, que de longe os aponta ao inimigo, a todos os inimigos. Com o seu dólman azul-celeste, o senhor não nos surpreende à traição; o mesmo se dá comigo: quem vê ao longe o meu cavalo, sabe logo que sou Mehmed paxá. Agora tenho de o deixar; Sua Majestade vai sair de Vildiz, e cumpra-me acompanhá-lo, junto à portinhola da carruagem. Mas até outra vez.

Deu dois passos para a porta, e retrocedeu:

— Esquecia-me o principal. Há doze anos, o senhor salvou-me a vida, ou quasi, o senhor e os seus amigos. Em compensação, fico inteiramente ao seu dispor, senhor coronel.

E saí. Um quarto de hora depois, reconheci-o no cortejo imperial. Entre os regimentos dispostos em ordem de batalha, entre as bandeiras carmezin que se inclinavam, — as bandeiras de Pleuna, do Cáucaso e da Messália, — passava o sultão, e os cavalos magníficos, levados à mão, empinavam-se impacientes, por ter de ir a passo. Rodeava a carruagem uma centena de paxás com grandes bandas vermelhas ou verdes, e toda esta multidão, a pé, corria um pouco para não se distanciar. Só Mehmed Djaleddin, com a mão esquerda sobre a portinhola, não corria, bastava-lhe alargar as suas pernas robustas.

Seguiu-se a prece imperial, o muezin a salmodiar do alto do minarete, e a retirada dos regimentos, voltando a quarteis. Depois, o regresso do sultão, que passa a trote largo, sem escolta ou quasi. E por fim, a audiência, banal...

A porta de Yildiz, o *coupé* do embaixador avançou. Mas não consegui encontrar a minha carruagem. Sem lhe importar isso, Narciso Boucher estendeu-me tranquilamente a mão.

— Adeus, coronel. Então, não aparece o seu fiacre? Não se arrelie! Não tarda aí até breve, sim?

E abalou. É uma consolação pensar que fomos a nação mais amavelmente cortês da Europa... há já bastante tempo, é verdade... A desculpa deste velhote é não ir precisamente para o mesmo lado que eu. Desce na direcção de Top-hané, onde o espera um barco para subir o Bósforo. A embaixada ainda estará mais seis semanas no palácio de verão de Terápia. Eu moro na cidade, na rua de Brussed: exige a tradição diplomática que o adido militar resida em Pêra, tanto de verão como de inverno. Mas a rua de Brussed é a dois passos de Top-hané, e a volta não seria grande...

Em todo o caso, eu encontrava-me a pé, de grande uniforme, a duas horas de casa. Estava a dar meio-dia, — cinco horas à turca.

O sol era de rachar pedras, e nem o mais miserável carro no horizonte. Que graça!

De repente, uma mão no meu ombro:

— Então, senhor coronel, não tem transporte? E o seu embaixador?

Mehmed paxá, saía, por sua vez, do palácio. Um lanceiro, de fez de astracan, trazia-lhe o cavalo pelas rédeas.

— O meu embaixador voltou para Terápia, senhor marechal.

— Ah! perfeitamente.

Um Russo ou um Alemão não deixaria de fazer avultar desagradavelmente o incidente. Mas os Turcos são um povo asiático e a sua rígida urbanidade poderia dar lições à própria correcção inglesa. Mehmed paxá compreendia muito bem, mas não pestanejou.

— O senhor coronel vai montar o meu cavalo.

— Vossa Excelência está brincando comigo.

— Vai montar o meu cavalo. Tenho mais dois no palácio...

E deu uma ordem ao lanceiro.

— Montarei o que vai chegar, senhor marechal.

— Não. Há de dar-me a honra de montar este. Como recordação da *Folha de Rosa*. Vá, senhor de Sévigné.

É a primeira vez durante estes nove dias de Turquia que me tratam pelo meu nome, sem me darem o marquesado!

Galopámos a par, através de Nichantache, até ao arrabalde do Taksim. Mehmed paxá dirigiu-me dois cumprimentos, rápidos e decisivos como golpes de florete, que, podem crê-lo, atingiram a fibra mais sensível da minha vaidadesinha.

Primeiro:

— Acaso os coroneis franceses montam todos tão bem como o senhor?

Segundo:

— O senhor tem mais ou menos de trinta e cinco anos?

É incontestável que não sou mau cavaleiro e que à primeira vista, me dão menos dez anos que a minha idade. Mas não era desagradável ouvi-lo dizer a este grande centauro, de olhos agudos como verrugas.

No extremo do Taksim, está Pêra; — Pêra, a cidade das embaixadas, dos casinos, dos hotéis e dos pregoeiros; a única fracção de Constantinopla a que já voto decidida antipatia, infelizmente, é aí que tenho de residir. Por sorte, a minha rua, — a rua de Brussed, é talvez a menos ridícula de Pêra.

— Desça comigo até à ponte — diz-me Mehmed paxá, sem afrouxar na carreira.

Havíamos transposto, num galope de tártaros, a ladeira em zigue-zague que evita essa indescritível escada quebra-costas qualificada de rua — a rua Ynksek-Kaldirim. Em baixo, a praça de Karakeny regorgita sempre duma multidão pinturilada, como um curso de carnaval! Os soldados do corpo da guarda apresentaram-nos armas: «Sa-lam... dfor!» E a ponte de madeira, a ponte lendária que cavalga o Corno de Ouro, e onde perpétuamente ondula o vai-vem dos transeuntes apressados, estendeu-se diante de nós, em direcção a Stambul.

Aí pelo terço da ponte, Mehmed Djaleddin fez estacar o cavalo: e atrás dele o lanceiro de fez de astracan, que galopava com ar distraído, imitou-o com tão instantânea precisão, que não diminuiu uma polegada da distância a que vinha. Mehmed paxá estendia o punho para a cidade turca, que lourejava sob o sol vertical:

— Aqui tem, senhor coronel. Eu suponho que o senhor veio à nossa terra para ver coisas... Sim, o senhor não tem cara de contentar-se com beliscar as ancas esbeltas das Gregas ou das Arménias. Pois tudo o que há para ver em Constantinopla, está deste lado da água, em Stambul. Atrás ficam Pêra, Galata, Tatala, o Taksim... tudo imundície! Mas na sua frente há Stambul.

Eu saí.

— Bizâncio!

(Continúa).

PARA DESENVOLVER OS SEIOS

pequenos use o FILOCOL n.º 1. Para o endurecimento dos SEIOS moles e caídos, use o FILOCOL n.º 2. Para os SEIOS duros e bem proporcionados, a fim de evitar a sua flacidez, mantendo-os sempre firmes e esféricos, use também o FILOCOL n.º 2. Assim nunca terá o desgosto de ver o seu peito caído e com uma feia aparência. Cada número 25.000 esc. Pelo correio, oculto, 26.000.

OS SEIOS GRANDES

ficam menos volumosos usando FILOCOL n.º 3. Preço 40.000 esc. pelo correio, oculto, 42.000 esc. Experimente se quer possuir um PEITO BELO E ATRAENTE. O FILOCOL não prejudicando absolutamente nada o organismo, tem feito a felicidade de muitas meninas e senhoras.

LABORATÓRIO ORCEL — Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — Lisboa

CRÈME IMPÉRIA D'ORCEL

PARA FIXAR O PÓ D'ARROZ

Não intubica a pele, nem a faz lúrida e untuosa

SUPERIOR AOS MELHORES

PREÇO: 10.000 ESCUDOS

Remete-se pelo correio a quem enviar 11.000 escudos em carta registada ao

LABORATÓRIO ORCEL

Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA

A. ANÃO & C.ª, L.ª DA

PELES E

CONFECCÕES



R. dos Fanqueiros, 376-2.º, D.

Telefone: Norte 3536

SUCURSAL

Rua dos Retrozeiros, 58

Telefone: Central 1020 : : LISBOA

Premiados com duas medalhas de ouro na V Exposição das Caldas da Rainha

Representantes das máquinas de escrever

«TORPEDO»

e das fitas e papel químico marca

«CROWN»

AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar HOSTIAS D'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente sem prejudicar a saúde. Combatem a obesidade. Aconselhadas pelos médicos. Caixa 25.000 escudos, pelo correio 26.000

O MAIOR INIMIGO DAS RUGAS

é o Crème n.º 32 d'ORCEL. Amacia e aformoseia a pele, dando-lhe frescura e aveludado persistentes. Faz desaparecer manchas, borbulhas, cravos, vermelhidões e é insubstituível para evitar a FORMAÇÃO DAS RUGAS. Não faz crescer os pelos como sucede com a maioria dos Crèmes. — Preço 9.000 escudos, pelo correio 10.000.

LABORATÓRIO ORCEL — Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — Lisboa

COMO ANTIGAMENTE...

BEM, adeus. São horas do comboio...
 — Voltas amanhã?
 — Não.
 — E na quinta-feira?...
 — Também não.
 — ...! ? Porquê?
 — Bem sabes que não devo voltar...
 — Faze o que quiseres.

Em frente do jardim a estrada fugia numa curva cinzenta verrumando a noite.

Ele seguiu a passos largos o caminho da estação; ela ficou imóvel, a rir, olhando primeiro a estrada que sumia o vulto dele numa zona de sombra e depois o mar fronteiriço que bocejava sonolento, no côncavo das furnas, com um rom-rom de gato satisfeito.

Consultou o relógio, deu um último olhar às ondas.

A seguir um gesto rápido de fuga; o ranger de gonzois pèrros e o som duma aldraba caindo...

Minutos após, uma janela do andar nobre, aberta de par em par, iluminava-se. A zona clara definiu uma silhueta negra e um braço nú transpôs a varanda para deitar fora umas hastes brancas que foram cair na estrada, no trilho poeirento das carroças.

Eram lilazes e não eram da véspera.

A janela fechou-se. Lá dentro, a luz ficou velando um capricho de mulher e cá fora as estrélas afagaram compadecidas os lilazes brancos caídos na poeira...

Ao cimo da estrada era a plataforma da estação.

Nos bancos, gente vária esperava sonolenta o aviso eléctrico da campana.

Finalmente o poste badalou. Alguns passageiros ergueram-se.

A voz do factor anunciou prevenindo:
 — Já saíu de Oeiras.

O rapaz que seguira pela estrada, antes da queda dos lilazes, olhou maquinalmente o relógio. Meia noite e dezoito... Faltavam ainda dois minutos.

Esses dois minutos foram longos de esperar. Lá em baixo ficava ela. Para sempre... sim, para sempre; e pensou: que pena não ser um «rápido» o comboio que o levasse a Lisboa.

Nas horas monótonas de sofrimento a velocidade é um bem. Alivia. Afasta o mal com uma esperança de vida nova ou torna mais concreta a saudade dum bem perdido.

O tormento nestas horas é estar parado. O pensamento vòia sempre para aquele lado onde os passos não devem ir e sofre-se; sente-se na alma o travor do passado sem remédio...

Finalmetne, no horizonte curto da via, luziu a pupila esbazeada da locomotiva. Foi crescendo, crescendo... guincharam freios; o monstro resfolegou ainda e veio parar, com um fragor de rodas sofreadas, um pouco além do apêndice da estação.

O rapaz subiu para o vagão que lhe ficava em frente. Tomou lugar junto duma janela do lado do mar e desceu o vidro.

Queria pensar e não ligava ideias. Sentia que duas palavras banais tinham destruído na sua alma o edificio complicado de um sonho.

Ela não o compreendia. Era fútil, banal, não tinha da vida aquela ideia precisa que ele desejava sentir na mulher que fôsse mais tarde a sua companheira.

Tôda a história do seu amor, de ambos, tinha sido um jogo de belas palavras sem sentido.

O amor não devia ser aquilo...

O amor exige permuta de sacrificios...

E lembrava-se. Ainda naquela tarde, para que ela tivesse lilases frescos, ele abdicara alegremente duns pequenos gastos que lhe davam prazer.

Maquinalmente, olhava pela noite dentro à procura de alguém que não era ela.

Quando lhe disse que não voltava *porque não devia*, falara verdade.

A demora da partida exasperava-o. Tinha pressa de fugir de ali. Um minuto ainda!

— Pst! Pst! Por aí não se entra, meninas! É proibido!

Era ainda a voz pálida do factor admoestando umas raparigas que subiam para o vagão pelo lado da linha.

A voz calou-se e elas entraram chilreando no mesmo salão onde estava o rapaz. Este não as ouviu, não deu por elas. Olhava a noite pela janela escancarada. O comboio seguiu.

— Quantos apanhaste, Bébé?

— Três; olha que lindos!

— Quem seria o parvo que deitou fora estes lilazes? sublinhou outra voz.

O rapaz voltou-se.

A outra respondeu:

— Alguém que tem muitos ou não gosta de flores...

A Bébé, carinhosamente, sacudia-as da poeira, soprando as corolas.

O rapaz dirigiu-se ao grupo:

— V. Ex.^a permite-me uma pergunta, minha senhora?

Bébé aguardou surpreendida a fala do desconhecido.

— V. Ex.^a encontrou essas flores na estrada, em frente do muro que dá para a praia? Timidamente, Bébé murmurou:

— Encontrei, estavam caídas no pó!...

Vendo a confusão do desconhecido, acrescentou:

— Perdeu-as?... São suas?

— Não, minha senhora, agora são de V. Ex.^a que as achou e redimiui... Foram minhas há duas horas...

As três raparigas olharam-se. Uma delas, a que era loura, segredou:

— Dá-lhe as flores, Bébé, quem sabe se tem pena delas... As vezes uma flor vale mais do que a vida... e sorriu tristemente.

A Bébé estendendo o bracito branco apresentou as flores ao desconhecido. Este respondeu-lhe, numa vénia gentil, que as guardasse. Já não eram dele... Sómente lhe pedía, em nome do arbusto que as tinha criado tão lindas, que oferecesse uma haste áquela senhora que tinha dito que uma flor podia valer mais do que uma vida.

— Olhe, escolha-a o senhor e dê-lha...

O rapaz escolheu; a loura aceitou, houve sorrisos e todos quatro conversaram até Lisboa.

As pequenas deixaram o comboio em Santos. Ele seguiu-as com os olhos enquanto ponde e, mais abaixo, ao descer do vagão, precisou fechar os olhos um momento para entrar em si mesmo.

Passava-se nêle um fenómeno qualquer que o deixava perplexo.

Era uma imagem recente a entrar gloriosamente no seu espírito, afastando tudo, derubando tudo.

Seguiu pela cidade como um sonâmbulo.

De vez em quando chegavam-lhe aos lábios estas perguntas:

Será esta?

E se fôsse? Mas porquê?

Porque seria ela esta, a mulher desconhecida que ele apenas acabava de encontrar, e não a outra a quem durante dois anos tinha dado o melhor da sua vida?

Ele não sabia mas sentia-se contente, uma alegria nova tirava-lhe o sono e levava-o num passeio desvairado pela cidade fora, até aos bairros excêntricos.

Caminhou, caminhou ao acaso, e na volta, sem saber como, os passos trouxeram-no quasi ao ponto da partida, e foi por um pudor íntimo, por uma vergonha pessoal de não ser criança aos proprios olhos, que não

voltou a Santos, ao apeadeiro onde ela tinha descido duas horas antes.

— Mas então estarei eu apaixonado como os poetas de 1830? Preguntou-se e, numa reviravolta brusca, tomou o caminho verdadeiro, o caminho de casa.

Um ano depois, num arredor da cidade, também perto e do mar e duma estação do caminho de ferro:

Dum jardim pequenino uma voz alegre diz para dentro de casa:

— Camila!

— Vou já, queres alguma coisa?

— Não; é para veres os lilazes. Já teem dois cachos abertos.

— São iguais aos outros? Aos que a Bébé encontrou na estrada?

— Olha, não sei, vêm tu vê-los; já não me lembro como eram os outros...

E enquanto houver mulheres, homens, lilazes, amores, estradas com poeira e caprichos, a vida há de ser assim, eternamente assim, pelos séculos dos séculos. Amen.

FRANCISCA D'AYRE.

BERTRAND
 IRMÃOS, L^{da}
 FOTOGRAVADORES
 T. DA CONDESSA DO RIO 27
 LISBOA
 TEL. T. 96

"VOGA"
 PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados.....	22\$20	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental	35\$00	68\$00	
Exemplares registados.....	45\$40	88\$80	
India, Macau e Timor.....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	46\$40	90\$80	
Brasil.....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	56\$80	111\$60	
Estrangeiro.....	40\$00	78\$00	
Exemplares registados.....	60\$80	119\$60	
NUMERO AVULSO Esc.....	1\$50		

Dirigir pedidos ás Livrarias Aillaud e Bertrand, R. Garrett, 73-75.

OS CÃES ADIVINHAM?

(Historieta para crianças)



O Nero é um cão muito mansinho. Depois de brincar muito com ele, fiquei assim a dormir...

E sonhei que entrava pelo mar dentro, e lá no fundo, muito no fundo, depois de perder um chapéu de chuva

Encontrei-me num país maravilhoso, onde só havia pérolas, flôres, princesinhas e fadas, tal qual nas histórias que a mamã me tem dado a lêr. Peixinhos com plumas de cores muito bonitas, cantavam e falavam, e toda a gente me dizia que eu era rei. A avózinha era a minha conselheira, e também era rainha das fadas, e eu comecei a mandar como um rei muito valente, de barbas muito compridas, de corôa na cabeça e sapatos de ouro. E eu quiz que todos fôssem reis como eu.

G R A F O L O G I A

A «Grafologia» é um poderoso telescópio assestado sobre essa nebulosa indecifrável, que se chama a consciência humana.

Depois do amor e da bondade, nada contribui mais para a felicidade de uma mulher, que o desenvolvimento harmónico e progressivo de todos os seus dotes de beleza física, moral e intelectual.

Um tal desenvolvimento não poderá, porém, ter lugar sem que todos os seus defeitos, na maioria das vezes inconscientes, possam ser devidamente indicados por intermédio de uma análise psicológica indubitável e de fácil verificação.

Qual é, pois, o processo mais simples, mais rápido e fácil, para exercer essa análise e assim obter o conhecimento exacto de todos os bons e maus factores constituintes de uma personalidade humana?

A resposta a esta pergunta, acha-se expressa em todas as obras de Psicologia Científica:

A Grafologia!

Inúmeras observações têm demonstrado que a letra de uma qualquer pessoa é bem a manifestação mais palpável e real da sua personalidade, do bom ou mau estado da sua saúde física e moral e de todas as circunstâncias que mais cedo ou mais tarde poderão concorrer para o mau êxito dos seus desejos ou para a realização completa da sua felicidade.

A verdade da ciência grafológica pode, afinal, ser reconhecida facilmente por qualquer que dela duvide.

Quem não terá ainda notado que a sua letra sofre perturbações imediatas e sempre as mesmas, quando a rotina automática da sua vida é bruscamente alterada?

Apreciai agora a modificação progressiva da vossa letra ante as influências lentas e variadas que, pouco a pouco, infiltrando-se nos vossos hábitos, vêm fatalmente alterar a rítmica dos vossos pensamentos e dos vossos desejos mais fortes.

Porque tudo o que sentimos e tudo o que pensamos na letra aparece revelado como consequência mais visível de uma série de gestos ou movimentos nervosos imperceptíveis mas que aos olhos de quem conhece Grafologia, revelam simplesmente um estado de espírito e uma personalidade bem mais evidentemente que a análise demorada dos seus olhos ou das suas contracções faciais.

A fotografia de um rosto masculino ou feminino, ainda que belo, é sempre alterada por atitude previamente escolhida e consequentemente manifestando falsos sentimentos de alegria ou tristeza, conforme o fim em vista.

Uma tal dissimulação não pode, porém, ter lugar no conjunto de traços que formam o grafismo particular de cada pessoa.

A mão do indivíduo quando escreve, é sede de uma concentração mental geradora de inúmeros movimentos inconscientes, ligeiríssimos e invisíveis para as pessoas que desconhecem a Grafopsicologia, mas absolutamente evidentes para os iniciados nos fenómenos dos movimentos inconscientes que são a base das leis grafológicas.

Verificamos assim, que existe uma íntima ligação entre o espírito do indivíduo que escreve e a sua letra.

É, pois, pela Grafologia que podemos facilmente reconhecer o bom e o mau, o amigo leal e sincero ou o inimigo cínico e traiçoeiro, porque a mão escreve correntemente impulsionada pelo pensamento, impede a atenção da vontade sobre os sinais que traça; reproduzindo, portanto, passivamente o ser moral.

Olhai o grafismo de uma pessoa que es-

creve sob o domínio de uma exaltação violentíssima. Assim como os seus gestos serão rápidos e sacudidos, assim também os traços da sua letra definirão claramente o seu estado de espírito.

Reparai agora nas linhas débeis e hesitantes de alguém enfraquecido por uma longa doença ou por um sofrimento doloroso e vereis como, até mesmo sem conhecer Grafologia, podereis apontar logo qual a letra do exaltado e qual a do inválido.

Não é, pois, muito difícil obter a convicção de que por intermédio da análise grafológica é sempre possível não só descrever a personalidade moral da pessoa que escreveu o documento como também indicar qual o seu estado de saúde e a sua resistência física, advertindo ainda os perigos que ameaçam a sua felicidade futura.

Para que o resultado obtido seja o mais

coerente possível, torna-se necessário que o documento submetido à análise, tenha sido escrito sem a menor ideia de que vai ser presente a uma investigação grafológica.

Uma carta, um rascunho, etc., é quase sempre um documento bem mais evidente do que a fórmula rígida e amável que me poderão enviar para analisar.

Não temam, porém, que esse documento possa constituir um motivo de curiosidade ou ironia.

Não! Esse receio é absolutamente quimérico.

Uma grafóloga não liga a menor importância à significação própria, simbólica ou fonética das palavras, porquanto a maior parte das vezes não lê as escritas que examina.

Pouco importa, afinal, que a carta seja comercial ou emotiva, o essencial é saber como as letras que constituem as várias palavras estão traçadas.

Com efeito, para ser uma grafóloga experientada e sapiente, não é necessário saber... ler!

Todas as pessoas que desejarem utilizar-se deste consultório grafológico, deverão guiar-se pelas seguintes instruções:

1.ª — O melhor documento a analisar será uma carta completa com o competente envelope, escrita naturalmente sem que a pessoa que a escreveu saiba que a sua letra vai ser motivo de análise.

Não julgamos necessário afirmar que garantimos a maior discreção sobre o conteúdo do documento enviado e que todos os assuntos referentes a esta secção são absolutamente confidenciais.

2.ª — Juntamente com o documento enviado dever-me-há ser indicado o pseudónimo que deverá ser usado para a resposta e que será dada com a possível brevidade nesta secção.

3.ª — Enviar tudo num envelope fechado, incluindo a quantia de um escudo e endereçar à redacção da Voga, Rua Anchieta, 25.

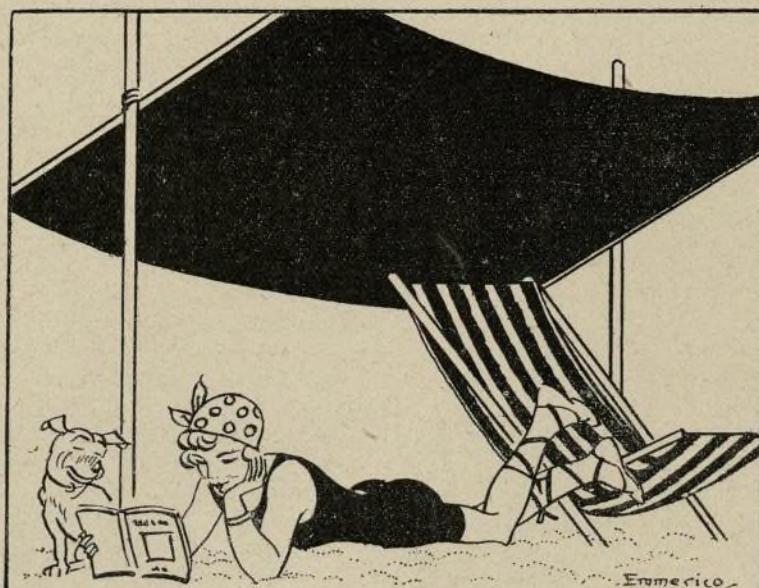
Sempre que algum dos clientes desejar reaver o documento enviado para analisar, deverá indicar o endereço para onde deverá ser remetido e bem assim juntar à importância da consulta, a quantia necessária para o porte postal do documento remetido sob registo.

MADAME DE MEMPHIS.

No próximo número

"VOGA"

abrirá o seu consultório de beleza



Na Praia!
— Nem sempre ha gente interessante e espirituosa com quem conversar. O que me vale é o
MAGAZINE
BERTRAND



O papá que está sempre a fumar, era o rei dos cachimbos. Mandeí-lhe fazer muitos cachimbos, com todo o ouro que havia no meu reino, para ver o papá muito satisfeito



Mandeí apanhar todas as flores para dar à mamã, e por conselho da avózinha, a mamã ficou sendo a Rainha das Flores



Dei ordens para que ninguém tocasse nas pedras preciosas, para ficarem todas para a minha irmãsinha, que também ficou sendo a Rainha das Perolas



Não me esqueci do nosso gato. Ele era o Rei de todos os bichos. Mandeí fazer grandes bolas de cristal, cheias de peixes encarnados para ele pescar todos os dias o seu jantar. De repente acordei. O «Nêro» tinha ladrado porque não me tinha lembrado dele. E vi que não se pode sonhar muito tempo com coisas muito bonitas quando nos esquecemos de alguém, porque até os cães parece que adivinham...





FOGÕES VACUUM

Nºs 15 e 17

Completamente desmontáveis

rapidez
economia
limpeza!

Vacuum Oil Company

DEFEITOS DE EDUCAÇÃO

A vida pode ser abreviada por tudo que: 1.º diminui a soma da força vital; 2.º rouba aos órgãos vitais a sua duração e a sua eficácia; 3.º exagera o trabalho de consumo vital; 4.º enfim, se opõe à reparação.

É nestas quatro categorias que entram todas as causas de encurtamento da vida.

Algumas actuam lenta e sucessivamente; outras, pelo contrário, são violentas e bruscas, de modo que poderia chamar-se-lhes *causas destruidoras da vida*; tais são certas doenças e as causas de morte violenta.

Uma das mais poderosas causas que contribuem para encurtar a vida é a aglomeração dos homens nas grandes cidades.

J. J. Rousseau teve razão em dizer: «O homem é, de todos os animais, o que é menos feito para viver em sociedade. A sua respiração é mortal para os seus irmãos.»

A humidade ou como se diz vulgarmente, a espessura do ar, não é a única causa que o torna nocivo, mas é sobretudo o ácido carbónico expirado, é a sua mistura com uma quantidade de matérias animais que proveem da aglomeração dum tão grande número de homens. O ar inspirado pode servir o máximo quatro vezes e o homem converte então este admirável instrumento de conservação num veneno mortal.

Agora que se pense no que deve ser a atmosfera duma destas imensas cidades; é impossível que quem habite nas suas partes centrais respire aí uma porção de ar que não tenha já penetrado nos pulmões dum dos seus semelhantes. Daí resulta uma intoxicação progressiva e latente, que deve necessariamente contribuir, duma maneira geral, para encurtar a vida.

Examinando qual é a mortalidade nas principais cidades da Europa, vê-se que é possível estabelecer certas diferenças entre elas e que a mortalidade, prova-o a grande influência do ar, é nelas tanto maior quanto menor a superfície reservada a cada indivíduo e quanto mais estreito o espaço em que cada um deve colher o seu ar respirável. Portanto, a mortalidade não cresce na razão directa do crescimento da população, mas em virtude deste crescimento e da diminuição do espaço que está reservado para esta. É por isso que uma cidade pouco populosa

pode apresentar uma mortalidade mais considerável que outra, em que os habitantes sejam mais numerosos, se a superfície da primeira for menor, em relação ao número de habitantes que a ocupam, do que a da segunda.

Quem puder fazê-lo, evite ir habitar as grandes cidades de população demasiadamente densa; são enormes tómos abertos diante da humanidade.

Nas cidades em que muitas vezes as ruas são estreitas, deve antes procurar-se uma casa nos bairros excêntricos e, além disso, será sempre necessário subtrair-se todos os dias durante meia hora ou uma hora, à atmosfera da cidade, para poder entretanto respirar um ar puro.

Não há meio nenhum mais seguro de pre-

sia que se prejudica a infância, raramente os filhos únicos, idolatrados, se tornam muito velhos; pelo contrário, uma educação simples e dura são condições excelentes para lançar, durante a infância, as bases duma vida duradoura.

O primeiro dos erros de regime próprios para abreviar a vida é a intemperança. Comer e beber demasiadamente é nocivíssimo; sobrecarregam-se assim as forças digestivas e fatigam-se; impede-se a digestão de se fazer convenientemente, porque, sobrecarregando o estômago com coisas demasiadas, estas não podem sofrer uma elaboração suficiente, o que dá lugar à produção no intestino de sucos mal preparados; aumenta-se assim por intemperança a quantidade de sangue e, por consequência, acelera-se a circulação e o movimento vital; além disso expõe-se a freqüentes indigestões que obrigam muitas vezes a recorrer aos purgantes, agentes sempre debilitantes.



Um novo sport inglês: colocar uma bola sobre um poste, trazendo o cavalo a galope



Miss Betty Ruthe, quinze anos de idade, campeão de tennis na Inglaterra

parar a um indivíduo uma vida curta, do que dar-lhe uma educação demasiadamente delicada e efeminada.

Assim, preservam-no do ar, logo que este é um pouco vivo; enterram-no durante um ano inteiro, sob um *édredon* e ao lado de garrafas com água quente; cobrem-no como um pintalho; ao mesmo tempo não permitem ocasião de enchê-lo de alimentação e de sobreexcitar a sua actividade com café, chocolate, vinho, especiarias e outros alimentos que, para uma criança, não passam de veneno.

Com semelhante conduta, a consumação vital é de tal modo acelerada desde o princípio, os órgãos tornam-se tão fracos, tão delicados, que se pode certificar que, no fim de dois anos de um tratamento assim, um recém-nascido destinado a viver sessenta anos veria a sua capacidade vital reduzida a metade e mais ainda; sem contar os acidentes e as doenças, que vem também aumentar as probabilidades de morte. Uma maturidade rápida traz sempre uma rápida destruição. Deve ser essa a causa da horrível mortalidade das crianças.

Em resumo, a falta de ar puro, a falta de limpeza e o excesso de irritação devido a um regime muito excitante e a uma alimentação muito pesada, são não somente uma causa de morte actual para as crianças, mas contribuem ainda para tornar mais precárias as suas probabilidades de longevidade. Ordinariamente não é por falta, mas por dema-

comendo demasiadamente experimentam-se os sintomas seguintes: o estômago dilatado parece pesado, há abrimentos de bôca, eructações, tendência para o sono, a cabeça está pesada. O antigo preceito continua sempre verdadeiro: abandonar a mesa tendo ainda apetite.

Uma cosinha muito escolhida tem efeitos análogos à intemperança. Lamento ser obrigada a classificar esta amiga da nossa bôca entre os inimigos mais determinados da nossa vida e entre as invenções mais próprias a abreviá-la.

O cúmulo da arte culinária consiste em tornar os alimentos atraentes e agradáveis ao gosto. Para atingir este fim, os nossos pratos são preparados com substâncias muito excitantes e a alimentação em lugar de alimentar e restaurar, só tem por resultado aumentar a consumição íntima. E o pior é que, graças a esta escolha culinária, é-se arrastado a comer demasiadamente.

NECESSIDADE DO EXERCÍCIO FÍSICO

Vai longe aquêle tempo, pouco saudoso e muito clorótico, em que as meninas bem educadas tinham como prenda e graça inherente à fragilidade do sexo o medo de tudo, o desmaiar a tempo e o uso, nos rostos magrinhos, duma palidez etérea.

A vida impetuosa de hoje atirou a mulher para a luta, obrigando-a a disputar, com o homem, o pão e o emprêgo. O garga-

rejo clássico das 10 à meia noite, e depois a luz da vela, as vinte páginas de Ponson du Terrail, são hábitos arcaicos que fariam rir uma dactilógrafa dos nossos dias. Mas... apesar de todos esses novos hábitos, apesar de todas as bôcas femininas repetirem a cada passo: «Eu sou uma rapariga moderna!», quasi nenhuma delas o é. Para o serem era necessário, indispensável mesmo, que todas elas o pudessem ser.

Pulmões que respiram durante os sete dias da semana o ar viciado do escritório ou da oficina; músculos que durante o mesmo espaço de tempo se inutilizam e enfraquecem na imobilidade duma cadeira, não são os órgãos próprios para esse modernismo tão apregoado e, diga-se, tão exaustivo.

A menina portuguesa nem sabe respirar nem sabe servir-se dos músculos. Não faz «sport». As tardes de domingo passa-as no cinema. As manhãs, no calor pouco higiénico da cama.

Bem sabemos que nem todos os «sports» são acessíveis a todas as bolsas. Não pode qualquer mulher ser dona dum «pur sang», que custa centenas de libras; mas, todas as raparigas podem jogar o «tennis», todas podem aprender a nadar e cultivar estes dois generos de «sport» assiduamente, sem exagêros, mas com persistência.

O «tennis» é, dos «sports» acessíveis a toda a gente, o que exige um mais completo exercício de todos os músculos sob o domínio da vontade e com a ajuda incessante do golpe de vista que, pouco a pouco, adquire uma certeza admirável.

Uma «raquette» custa pouco, há «courts» de «tennis» em todos os arredores da cidade; porque não jogam o «tennis» as lisboetas?

Porque não teem os liceus campos para jogos?

Porque não é obrigatório o cultivo de qualquer exercício físico desportivo durante o curso preparatório elementar?

Teria a ganhar com isso a rapariga portuguesa e a mulher, a mulher que precisa e quer ser moderna, viria para a luta com certas qualidades de resistência que hoje está bem longe de possuir.

A mulher que faz exercício físico perde depressa o medo da água fria, e isso é um bem, um prazer e uma economia.

Raras casas baratas, vergonha é dizê-lo, possuem o quarto apropriado e a tina indispensável para o banho quente, mas em todas as casas há um contador, em todas pode haver uma pequena banheira que se pendura na parede e um «colier duche» que se guarda em qualquer gavêta. E está resolvido o problema do banho diário.

Em artigos sucessivos, trataremos largamente de cada género de «sport» mais adequado ao desenvolvimento feminino, ao mesmo tempo que daremos, como hoje, uma documentação cuidada do que mais interessante houver neste campo da vida da mulher moderna.

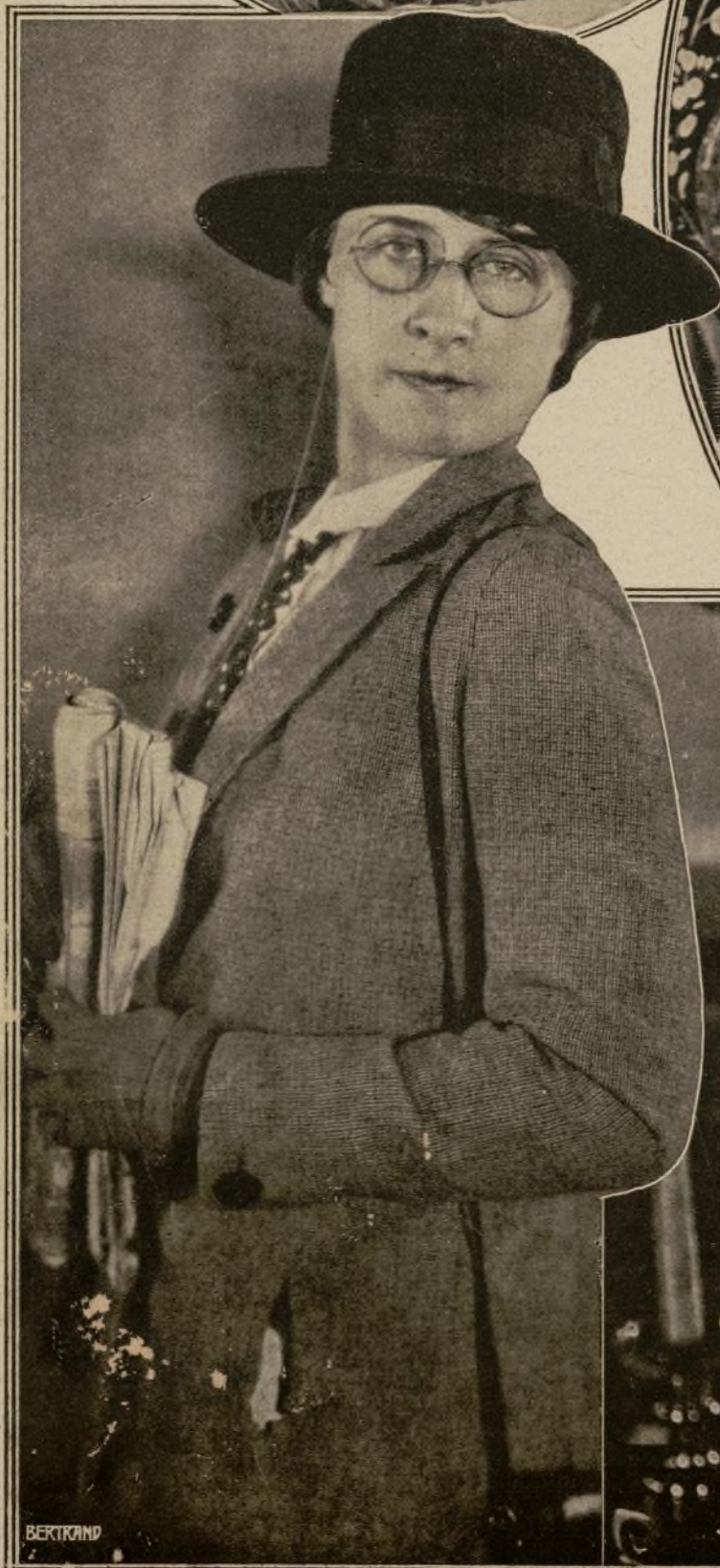


Helena Mayer, dezasseis anos de idade, professora alemã de florete

CINEMA

O DIA DUMA ESTRELA

NORMA SHEARER



... «L EVANTO-ME sempre cedo, muito cedo e sou vaidosa, muito vaidosa mesmo... Mas a culpa não é minha, creiam. São as cartas que tôdas as manhãs recebo (algumas dezenas de cartas) que mo dizem em tôdas as línguas e em todos os tons.

É a minha secretária, a gentil e amável miss Klingston, quem responde a elas, com fotografias em que a sua mão complacente repetirá o estribilho monótono «sincerely yours» assinando por mim!...

Miss Klingston, trinta e cinco anos secos e formados em egiptologia!... Enquanto ela escreve eu almoço, porque sou muito lambareira e gosto muito de doces. Depois «arranjo-me» para o meu filme «His Secretary», onde reproduzo fielmente o tipo delicioso da minha miss Klingston! Se os meus adoradores soubessem!...